

Minhas férias em Bueno Aires

Luis Vilanova

Finalmente conheci Buenos Aires, a européia capital sul-americana. Minha mulher e minha filha, que já eram apaixonadas pela cidade, não descansaram enquanto não concordei em que fossemos passar nossas férias na capital portenha.

Claro que o fã-club de Buenos Aires ganhou mais um adepto. Suco de pomelo, empanadas, vinho, tango, educação, falar cantado. Mas só vou contar, por enquanto, minha impressão sobre o trânsito da cidade. E, por favor, entendam que o pequeno número de informações que consegui coletar se deve ao rígido policiamento da minha família que considera que férias são férias e que eu não tinha autorização para ficar olhando semáforos e placas.

Vamos lá, entonces.

Sem dúvida, o que mais me impressionou foi o respeito pelos pedestres. Aquilo que eu já tinha visto na venerável Europa encontrava agora em plena América do Sul. Os veículos que fazem a conversão dão preferência para os pedestres que estão atravessando. Não chega a ser uma atitude prussiana, do tipo você põe o pé na faixa e eles param (certa vez vi um desenho animado da Pantera Cor-de-rosa muito engraçado sobre esse tema). Se não houver perigo, o veículo passa pela frente ou pelas costas do pedestre enquanto ele está atravessando; mas este não é obrigado a correr nem a se preocupar. É patente que a preferência é dele em relação aos veículos que estão fazendo uma conversão. E esse comportamento é o mesmo tanto para as interseções semaforizadas como não. Em termos de sinalização, o foco do pedestre permanece aberto (lá é branco e não verde) simultaneamente ao verde veicular, o que para nós caracterizaria verdes conflitantes.

Fiquei realmente impressionado pelo comportamento de boa convivência entre veículos e pedestres. Os veículos fazem a conversão numa velocidade razoável e não obrigam os pedestres a correr nem a ficar preocupados com carros que passam raspando. Fiquei, incrédulo, olhando pedestres atravessar uma pista de seis faixas sem se preocupar com os carros que vinham de uma transversal às suas costas; sem apressar o passo e sem sequer dar uma espiada para trás a fim de se certificar que não seriam atropelados. Também, em compensação, se o pedestre atravessar fora da faixa ou contra o movimento direto dos veículos vai ser contemplado com buzinas e xingamentos nada milongeiros.

Puxa vida. Quando o Brasil vai alcançar este mínimo patamar de civilidade, de respeito aos outros? Aqui, inventamos os famigerados estágios exclusivos de pedestres que só se justificam em casos muito particulares. Como não há o grau mínimo de urbanidade, lança-se mão desta medida extrema que, por sinal, é extremamente idiota, pois retém todos os movimentos de veículos do cruzamento, sem considerar que muitos deles não passarão nem perto da faixa de pedestres que se quer proteger. A irracionalidade desta solução é percebida pelos motoristas, que são levados a desrespeitá-la ao não conseguirem atinar com o seu sentido.

Mas chega de desabafo. Um dia a gente chega lá. Enquanto isso só podemos ficar aplaudindo nossos irmãos argentinos.

Em alguns cruzamentos, eles também utilizam a faixa de pedestre recuada semaforizada (a uns 30 metros da interseção). Não ficou claro, para mim, em que condições eles lançam mão desse recurso em vez de confiar na convivência veículo da conversão & pedestre. Talvez seja nos casos em que o volume de pedestres e o fluxo de conversão são tão fortes que acabaria se formando uma fila muito longa dos veículos que querem fazer a conversão, prejudicando o movimento em frente.

Outra descoberta interessante. Eles utilizam um intervalo de 2 segundos de duração como proteção na transição dos estágios. No primeiro, o veículo que perdeu o direito de passagem já está no vermelho enquanto que seu movimento conflitante ainda permanece também no vermelho (igual ao nosso vermelho de limpeza). No próximo segundo o movimento que está prestes a iniciar ganha a sinalização amarelo+vermelho e só depois disso o semáforo vai efetivamente para verde. Essa solução também é adotada na Inglaterra, onde o período amarelo+vermelho mede dois segundos.

Mais uma novidade. Só que dessa vez minha discordância é total. Em alguns semáforos de pedestres estão utilizando o semáforo decremental durante o período de vermelho intermitente. Creio que o efeito é potencialmente perigoso ao induzir o pedestre a ficar fazendo contas para calcular sua chance de ainda poder passar. Minha opinião é que o foco decremental para pedestres só pode ser usado durante o período de verde. Registre-se, no entanto, que em todos os locais em que passei, o tempo de vermelho piscante é suficiente para realizar a travessia inteira. Essa é outra vantagem de limitar a semaforização das travessias de pedestres para seções no meio do quarteirão ou recuadas e não como nós fazemos, para controlar as travessias na própria interseção.

Vamos passar para a sinalização vertical. Fique intrigado com a questão da prioridade de passagem em interseções não semaforizadas. A placa "PARE" é encontrada em muitos poucos locais. Não há nenhuma definição de preferência, o que é agravado pelo aspecto de que a maioria dos cruzamentos é formada por vias com características muito semelhantes entre si. Perguntei a um taxista se havia alguma regra e ele me respondeu que, evidentemente, o que valia era a regra da mão direita. E evidentemente também ele não obedecia tal regra em nenhum cruzamento. Acho que Buenos Aires está desperdiçando o potencial deste taxista. Ele daria um ótimo tecnocrata. Mas o mais engraçado é que não senti mais perigo lá por causa da ausência da regulamentação da preferência. Talvez por isso mesmo o pessoal sempre desacelera um pouco e olha se vem alguém pela transversal. Se vier, a preferência é de quem chegou primeiro. Será que isso é mais ou menos perigoso do que usar a "PARE"? Honestamente, não sei.

Outra estranheza foi a sinalização do sentido de circulação. A maioria dos cruzamentos é mão única. A seta que indica o sentido da circulação pode estar em qualquer uma das quatro esquinas. Antes ou depois do cruzamento. À esquerda ou à direita. Você precisa procurar a placa quando chega na interseção! A boa notícia é que essa sinalização vem na mesma coluna que é usada para o nome da rua, a exemplo do que é praticado em muitos países.

Preciso encerrar por aqui. Estou ouvindo minha mulher e minha filha chegando. Ai de mim se descobrirem que estou escrevendo um artigo sobre trânsito em plenas férias!

Suerte.